

EU VOU PARA MARACANGALHA EU VOU! HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE TRABALHADORES DA USINA CINCO RIOS (1912-1987)

Tatiana Florentino Santana¹

Resumo

Esse texto é fruto de uma pesquisa em andamento cujo objetivo é investigar as trajetórias de trabalhadores e trabalhadoras da Usina Cinco Rios, no pequeno distrito de Maracangalha, Bahia. A região do recôncavo baiano, historicamente reconhecida pelo desenvolvimento da lavoura açucareira e do trabalho escravo, escreveu com o surgimento das Usinas de açúcar um novo capítulo na história das relações de trabalho que envolveram o pós-abolição e a primeira república na Bahia. Considerada uma das mais importantes usinas da região, seu funcionamento iniciou-se em 1912 e encerrou em 1987. Este artigo irá discutir a estrutura física da usina, propriedades rurais, assim como as dinâmicas de trabalho e os perfis desses trabalhadores. Para tanto, nos apoiaremos na análise de fontes escritas, memorialísticas e orais.

Palavras-chave: Trabalho. Usina. Recôncavo Baiano.

Recebido em 11 de agosto de 2019 e aprovado para publicação em 20 de abril de 2020

¹ Graduanda em História pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB. Correio eletrônico: tatisantana80@yahoo.com

Introdução

Ao adentrarmos nos caminhos da pesquisa histórica acerca do município de São Francisco do Conde, situado no recôncavo baiano, e nas discussões sobre as dinâmicas de trabalho e do pós-abolição na região, deparei-me com fontes sobre um engenho chamado Maracangalha. Embora seja o local que inspirou os versos do poeta Dorival Caymmi nos anos 50 do século XX, percebemos que as histórias que envolveram o “*ir para Maracangalha*” e a exímia sambadeira, a *Anália*, dentre tantas outras memórias dos moradores do pequeno distrito, atualmente estão entrelaçadas com o que ora desenvolvemos enquanto pesquisa histórica. Tudo isso despertou interesse sobre a história local e ao analisar as fontes que faziam referência a tais questões, chegamos até a Usina Cinco Rios. Posteriormente descobrimos que alguns parentes próximos haviam trabalhado na usina. Então, com uma quantidade significativa de relatos escritos sobre a região, cresceu a motivação em investigar detalhes sobre o cotidiano de homens e mulheres que trabalharam na companhia Usina Cinco Rios.

Ao chegarmos no distrito de Maracangalha para conhecer a fábrica de açúcar e álcool nos deparamos apenas com o prédio em ruínas, repleto de vegetação cobrindo alguns maquinários que restam no local. Porém, embora a imponente construção esteja em tal estado, para além do patrimônio de “pedra e cal”, foi importante perceber ao adentrar na pesquisa, as memórias presentes na comunidade ainda bastante vivas. Debrucei-me a coletar fontes sobre a empresa, como documentos que estão no Arquivo Público do Estado da Bahia (APEB), artigos em periódicos da Hemeroteca Digital, carteiras de trabalho dos antigos trabalhadores, livros de memórias, dentre outros materiais que são de suma importância para o desenvolvimento desta pesquisa.

São Sebastião do Passé foi um distrito da então Vila de São Francisco do Conde, subordinado a esse município até meados de 1926, a separação se deu segundo Valdevino Neves Paiva, por divergências entre grupos políticos². Reconhecida pela cultura de cana-de-açúcar no tempo colonial, assim como pelo escravismo, colonizadores portugueses com interesse em explorar o solo rico e cultivar cana, criam um povoado denominado São Sebastião, no início do século XVIII esse local se torna à freguesia de Nossa Senhora da

² PAIVA, Valdivino Neves. **Maracangalha**: Torrão de Açúcar Talhão de Massapé. São Sebastião do Passé. 1996, p. 20. O autor viveu em Maracangalha por mais de trinta anos, foi químico industrial da Usina Cinco Rios, ex-professor de Química do colégio Municipal Dr. João Paim, ex-diretor do Grupo Escolar Cinco Rios, vereador em duas legislaturas, Secretário Municipal (da Administração e educação, respectivamente) durante 12 anos consecutivos, funcionário do Tribunal de Justiça do Estado da Bahia, foi oficial do Registro Civil do Cartório de Maracangalha.

Encarnação do Passé situada na Vila de São Francisco. Porém sobre Maracangalha, o pequeno distrito, o memorialista destacou:

Após a linha-férrea, dois grandes pés de eucalipto. Mais adiante, ainda á esquerda, a bela fachada do prédio da fábrica ostentando em letras grandes e verdes o nome “CINCO RIOS”; ao fundo, duas grandes chaminés, uma, de quarenta e cinco metros, outra, de sessenta metros de altura. Enorme represa ao lado, e vários outros prédios de oficinas e serviços auxiliares. A menos de cem metros, a parça Dorival Caymmi, cujo tema central é um belo violão, construída em 1972 pelo prefeito Ernani Rocha. Subindo um pouco, a Rua do Cruzeiro – a principal da vila – a praça do Mercado e, mais adiante, no alto, na praça do mesmo nome, a igreja construída em louvor a Nossa Senhora da Guia, pelo empresário Álvaro Catharino, inaugurada em 1933. A maioria das ruas são calçadas a paralelo, sendo as principais a do Cruzeiro, do Eucalipto, Dinonísio Brandão, do Tijolo, Alto da Boa Vista, Pasto Novo, Jote, da Linha, Lastreira, Matança, do Prédio, etc. A sede do distrito se localiza na fazenda Maracangalha, porém esta referida fazenda e a Fazenda Quibaca tão perto ficam que constituem um todo formando a Vila de Cinco Rios, com cerca de 2000 habitantes. Ali tudo é natural e se respira ar puríssimo, num ambiente de paz, tranquilidade e muito mistério.³

No final do século XIX as plantações de cana no Recôncavo passaram por inúmeros problemas, com o livre-comércio do açúcar a seca que castigava a região, fim do tráfico interprovincial de escravos, a praga que assolou os canaviais prejudicando a safra, concorrência internacional e um outro fator decisivo da decadência dos engenhos do Recôncavo: a substituição da hidrovia, o meio de transporte mais utilizado para o escoamento dos produtos fabricados nos engenhos para outras regiões, pelas recentes estradas de rodagem que estavam sendo criadas⁴. As cidades do Recôncavo banhadas pelas águas da Bahia de Todos os Santos, como São Francisco do Conde, seriam obviamente prejudicadas e atingidas pela queda do açúcar, a elite desta região estava sentindo um sabor amargo de um processo de exclusão, marginalização na fundação dos novos caminhos de outros transportes, ou seja, as rodagens. Os engenhos centrais passaram por momentos difíceis, chegando a falências, neste momento de crise, ocorreu a transição dos engenhos para usinas de cana muito mais mecanizadas, muito embora as dinâmicas de trabalho ainda coexistissem de forma compulsória e precarizada⁵.

Para a formação desta empresa foram doados equipamentos adquiridos dos engenhos centrais falidos, como Engenho Sapucaia, Engenho Sincoris, Engenho Cassarangongo, Engenho Paramirim e Engenho Maracangalha. A usina produzia açúcar, álcool, dentre outros produtos apenas para o Estado da Bahia. Durante a segunda metade do século XIX, ocorreram importantes mudanças tecnológicas no Brasil, revolucionando as

³ Ibidem, p. 23.

⁴ AZEVEDO, Thales. O advento da Petrobrás no Recôncavo. In: BRANDÃO, Maria de Azevedo (org.). **Recôncavo da Bahia: sociedade e economia em transição**, 1998.

⁵ LIMA, Henrique Espada. Sob o domínio da precariedade: escravidão e os significados da liberdade de trabalho no século XIX. **Topoi**. v. 6, n. 11, jul./dez. 2005.

implementações e instalações de maquinários nas atuais usinas. Segundo Costa⁶ com o surgimento das primeiras unidades industriais de transformação da cana entre 1900-1920, o fabrico de açúcar nas usinas superou o dos engenhos, sendo comparada a produção de açúcar no período colonial. Assim, com a modernização na fabricação de açúcar e outras matérias primas ocorrera o aumento na produção, a permutação ou substituição da produção tradicional agora pela industrial, inclui neste sistema mecanismos, mudança na qualidade dos produtos fabricados além de outras demandas de trabalho assalariado.

Maracangalha e Cinco Rios

A Usina Cinco Rios foi fundada em 06 de novembro de 1912, segundo Valdevino Paiva, ex-trabalhador da usina. No seu auge, todo o processo produtivo chegou a empregar cerca de 1000 trabalhadores. A sua constituição se deu com o declínio progressivamente dos antigos engenhos de açúcar da região e também por meio dos equipamentos que pertenciam a Usina Bom Jardim. O engenho Maracangalha, que deu origem à usina já existia desde 1757. Inicialmente de propriedade da tradicional família Costa Pinto, a Usina foi adquirida nos anos 1930 por Clemente Mariani, famoso empresário e político baiano. Fechou e reabriu na mesma década, passando para a administração de Álvaro Martins Catharino. No final da década de 1940 teve à frente Augusto Novis, um dos mais conhecidos usineiros da Bahia. Em meio à decadência de outras usinas no Estado, teve êxito considerável entre as décadas de 1950 e 70. Para produzir uma quantidade significativa de açúcar e aguardente a usina comprava cana dos proprietários de fazendas, além de realizar seu próprio plantio em outras propriedades. Naquela altura, os banqueiros e famílias importantes da capital investiam seu dinheiro nesse segmento, destacando-se como uma das firmas mais importantes a Casa Magalhães & Cia, hegemônica nesse ramo⁷.

⁶ COSTA, Miguel FILHO. **A cana-de-açúcar em Minas Gerais**. Rio de Janeiro: Instituto do Açúcar e do Alcool, 1963.

⁷ A Casa Magalhães, logo adotaria o mecanismo da consignação, pelo qual toda produção das usinas, dela dependente financeiramente. Era entregue à sua subsidiária. Em poucos anos seria proprietária das quatro maiores usinas do Recôncavo: Aliança, São Carlos, São Bento e Terra Nova, bem como grande quantidade de terras através da compra de engenhos em decadência, alguns deles por ela antes arrendados; são exemplos os engenhos Jucá, Santo André, Murury, Ingahy, Retiro. Outros relatos confirmam ter sido a "c o m p r a f o r ç a d a " de engenhos, o método mais utilizado no Recôncavo pela S.A Magalhães Comercio e Industria Ltda para construir seu império agrário. CUNHA, Joaci de Souza. **Amargo Açúcar**: aspectos da história do trabalho e do capital no Recôncavo açucareiro da Bahia (1945-1964). Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1995. p. 80. Nesse trabalho o autor analisa num primeiro momento a estrutura e formação do capital açucareiro no recôncavo baiano, assim como a trajetória da classe trabalhadora nesse segmento da economia baiana.

O funcionamento e vigor das Usinas do Recôncavo como *incremento* da lavoura crescia em importância na economia mundial, como destacava o periódico Bahia Ilustrada no ano de 1918:

A Usina “Cinco Rios” foi incorporada a “Usina Bom Jardim” por seu ex-proprietário o Sr. Coronel João Baptista Machado, atual diretor-caixa da Companhia, em 16 de março do ano de 1916. São seus dirigentes hoje, os Srs. Coronel Baptista Machado e, Manuel Duarte de Oliveira, senador estadual, duas organizações activissimas de empreendedores, e que têm prestado relativos serviços aquella Companhia, notadamente o último, cuja acção se desenvolve com absoluta confiança nos destinos da Usina.⁸

A usina tinha acesso a estrada de ferro Centro Oeste da Bahia (EFCOB), dispunha de 8 quilômetros de linha férrea, e uma pequena estação própria, juntamente com três locomotivas que realizavam o transporte da cana vindas de suas propriedades agrícolas. A publicação ainda revelava a capacidade de moagem, sendo 400 toneladas de cana diariamente, e localizava o escritório comercial que funcionava a Rua dos Droguistas nº 32 na capital baiana, no grande Armazém de Fazendas dos creditados Srs. Lindolpho Lellis & Companhia⁹.

A edição do ano de 1933 do periódico o Brasil Açucareiro: revista quinzenal dirigida pela comissão de defesa do açúcar do Rio de Janeiro, noticiava sobre a usina:

Usina Cinco Rios

Usina Cinco Rios pertence a uma sociedade anonyma. Fica situada no municipio de São Sebastião, na estação de Maracangalha, da Companhia Ferro-Viaria E´ste Brasileiro, a 68 quilômetros da estação inicial calçada- em Salvador. Tem seu porto fluvial próprio, porto de Almas, no rio de Almas, por onde exporta toda a sua produção. Possui a usina Pitanga duas aguardentes separadas. E´ dotada de tres depositos para mel, sendo: um 178.000 um de 168.000 e outro de 110.000 litros, num total de 449.000 litros. Fabrica alcool para carburante, usando como desnaturante o kerosene a razão de 5%, utilizando-o, no consumo da usina em seus tractores. Independente desta usina que são accionistas da Cooperativa, outras muitas existem no Bahia que não distilam alcool; somente fabricam assuca e destillam aguardente.¹⁰

Usineiros de famílias influentes tinham apoio do Banco da Bahia para investirem em seus negócios, tendo propriedades em outros lugares da região. O controlador do Banco da Bahia Clemente Mariani¹¹, além de ser banqueiro era reconhecido político, uma pessoa de grande importância e um dos diretores da firma S/ A Magalhães. Esses sujeitos influentes

⁸ **Bahia Ilustrada**, anno 1918. Hemeroteca Digital. Acesso em: 20 set. 2018.

⁹ dem.

¹⁰ **Brasil Açucareiro**: revista quinzenal dirigida pela comissão de defesa do açúcar do Rio de Janeiro. Hemeroteca Digital Brasileira. Acesso em: 20 set. 2018.

¹¹ Sobre o Doutor Clemente Mariani a partir das memórias de Valdevino Neves Paiva: “Advogado na Bahia, de 1920 a 1925, exerceu, paralelamente, as funções de diretor de empresas industriais e comerciais (inclusive da Usina Cinco Rios) e da Associação Comercial da Bahia, tendo sido eleito, em 1944, presidente do Banco da Bahia, que restaurou em termos de Banco Nacional.

na sociedade baiana, tiveram destaque na região. Para abrigar os trabalhadores que vinham de várias localidades (cidades circunvizinhas e outros estados do Nordeste) a usina sedia um espaço para os trabalhadores montarem suas barracas e ofereciam transporte para a locomoção dos empregados temporários e efetivos para o canavial.

Importante observarmos que a usina possuía em média 20 fazendas (propriedades), cultivadas exclusivamente com cana de açúcar. Valdevino Neves Paiva acentua em seu trabalho esse dado, assim como os espaços reservados as acomodações dos trabalhadores:

(...) o enorme salão onde fica os trabalhadores rurais servia também de depósito de carros-de-bois e ainda sobrava espaço dentre as divisões para botar esteiras para os funcionários dormirem, fogões improvisados a lenha e varal para pendurar as roupas. Então, cada uma dessas divisões organizadas pelos operários servia de casa para uma família.¹²

Percebe-se nesse contexto, que os trabalhadores do solo do recôncavo foram de suma importância para a manutenção e o desenvolvimento desta empresa, tanto os operários que exerciam seu trabalho dentro da usina, quanto aqueles que trabalhavam nos campos. Os/as trabalhadores/as da Usina eram, em sua grande maioria negros e negras, descendentes de famílias que há muito habitavam antigas fazendas da região, nos entornos de São Francisco do Conde, Santo Amaro e São Sebastião do Passé. As trajetórias e experiências desses trabalhadores vêm à tona e, meio as suas lembranças, registros, dentre outros elementos que discutiremos a seguir.

Os pós-abolição e os trabalhadores da Usina Cinco Rios

Casado no Padre” *todo amores* com Mãe sinhá, Dominginhos sentia-se feliz e totalmente realizado: mulher boa dona-de-casa e filho com promessa de trabalho na usina. Já não carregava e mãe Sinhá não amarrava olhos de cana no eito. Tornara-se uma pessoa de confiança da administração e lhe fora dado o cargo de “vigia de tabuleiro”. Por outro lado, a mãe Sinhá dera um presente de casamento: a alforria dos trabalhos na lavoura canavieira.¹³

O Engenho Maracangalha concentrava uma quantidade significativa de escravizados, homens livres e libertos no período colonial e logo após a abolição na região de São Francisco do Conde. O historiador Walter Fraga¹⁴ discutiu em seu trabalho o cotidiano, as memórias e caminhos seguidos pelos trabalhadores rurais nos antigos

¹² Ibidem, p. 52.

¹³ Ibidem, p. 76.

¹⁴ FRAGA, Walter. **Encruzilhadas da Liberdade**. Histórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1910). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. p. 161-209.

engenhos de açúcar, durante e após abolição da escravidão na Bahia. Dentre todos os episódios ocorridos nos antigos engenhos após a referida lei que ocorrera no dia 13 de maio de 1888, os trabalhadores agora livres, lutavam pelo seu direito a um pedaço de terra, pois, para os ex-escravos dos respectivos engenhos, estes poderiam incluir em seu “projeto de liberdade” a conservação e permanência no espaço onde cultivavam produtos de subsistência no tempo da escravidão, em contrapartida, esses espaços eram propriedades particulares dos ex-senhores e que os ex-escravos não podiam usufruir apenas para si próprios. Eles plantavam nas roças de subsistência aipim, batata doce, quiabo, banana, abóbora, mandioca, milho, feijão dentre outros produtos. Além dos produtos das roças esses grupos iam para maré pegar peixes, camarões, xangó e caranguejo para venderem nas feiras livres e até para seu próprio consumo, constituindo-se assim comunidades rurais negras no pós abolição.

Tais atividades exercidas pelos trabalhadores visavam ampliar a possibilidade de sua sobrevivência e de suas famílias. Os moradores criavam estratégias para suas mobilidades nos engenhos e regiões circunvizinhas, manutenção e o sustento, umas delas era o cultivo e a comercialização de gêneros plantados nas roças, sendo estas uma alternativa viável economicamente para os escravos e ex-escravos. O comércio nas redondezas dos engenhos se ampliava e se estendia em volta das intensas produções agroindústrias vigentes nas Usinas. Com o fim do trabalho escravo, muitos dessas pessoas com seus familiares permaneceram na comunidade de Maracangalha.

Segundo Ana Maria Rios e Hebe Maria Mattos¹⁵, muitos descendentes da primeira geração de libertos permaneceram nas mesmas regiões de cativeiro. Esses aspectos ou características são notáveis nos ex-trabalhadores entrevistados da usina. A maioria relata que seus familiares moravam na fazenda Maracangalha há muitos anos, percebe-se que os pais e os avós já constituíam família ali, assim como em outras fazendas. No efervescer do dia 13 de maio de 1888, ocorreu uma grande agitação dos libertos para saírem das fazendas. Alguns pegaram os poucos pertences que tinham, abriram as porteiças e seguiram seus caminhos para outras cidades do Recôncavo e Salvador. Porém, um grupo decidiu permanecer na região, pois, para eles era vantajoso permanecer na localidade, conheciam as pessoas que ali viviam, também tinham laços afetivos que foram criados neste âmbito de socialização entre eles. Como muitos libertos e seus familiares permaneceram em Maracangalha, essa mão de obra foi aproveitada para construção, manutenção, plantio e a produção de açúcar da Usina Cinco Rios.

¹⁵ RIOS, Ana; MATOS, Maria Hebe. **● pós-abolição como problema histórico**: balanços e perspectivas. Rio de Janeiro. 2004, v. 5, n. 8, p. 170-198.

Segundo relata dona Maria Aurea Fernandes, 75 anos, ex-trabalhadora da Usina, a rotina de trabalho nos campos começava com a limpa da cana e a plantação, sendo transportados pelo “besouro”, espécie de pau de arara que deslocava os trabalhadores a partir das cinco horas da manhã.

Aí o besouro ia buscar a gente e a gente vinha, quando quebrava a gente vinha de pé, chegava aqui em casa de pé, 20:00h, 21:00h que largava o trabalho lá no dia de quebrar o cacau não podia deixar, né. A gente trabalhava até 18:00h ou 19:00h da noite, quando esse maldito do besouro arriava as rodas aí pela rodagem a gente saltava e vinha e chegava aqui de pé. Olha onde está Cravasul lá perto de Lagoa, é. Minha vida foi corrida. E na cana era pior, acordava muito cedo, tinha que levar comida. Para preparar você sabe que temos que acordar bem cedo mesmo, por volta das 03:hs, e só Deus sabe que horas vamos chegar.¹⁶

Dona Aurea ressalta que sabia ler e escrever e que tem “*caligrafia bonita*”, que ensinava sempre as crianças das redondezas e sempre pedia ao senhor “*Mundinho*”, gerente administrativo da firma Cinco Rios, uma oportunidade de trabalho com as letras e as “*contas*”, porém este nunca a “*arranjou*”. Então segundo ela: “Eu não ia ficar com fome, com meus filhos tudo passando fome me joguei para trabalhar no campo que é essa carteira que tenho aí assinada, graças a Deus!¹⁷. As relações de gênero nas dinâmicas de trabalho na usina, merecem destaque nessa análise, uma vez que todas as mulheres que eram operárias da usina, segundo relatos, nunca conseguiram trabalho no interior da empresa, sempre estando nos campos de cana, na limpa e no corte. Algumas delas, sobretudo as que tinham conhecimento de “*letras e contas*” ensinavam as crianças das redondezas e os filhos dos trabalhadores da usina, em escolas construídas para esse fim. Para essa discussão mais aprofundada ainda estamos desenvolvendo uma investigação mais precisa nas fontes.

Sobre os patrões, dona Aurea era assertiva na afirmação sobre os lucros do duro trabalho nos campos:

Eles pagam correto mais era pouco, o dinheiro não dava prá nada. Eles nem ficava muito na usina, vinha prá cá na época da botada, a festa muito bonita que tinha aqui em Maracangalha, ficava mais lá em Salvador, tudo cheio de dinheiro ia fazer o que aqui. Eu trabalhei na casa de Dr. Renato e na casa de outros dele. Olha, morei um tempo na Barra trabalhando com essa família, no Rio Vermelho e na Graça nem podia botar a cara na janela para namorar, eles não deixava.¹⁸

Dona Aurea também explicita em seu relato as fronteiras fluidas nessas relações de trabalho, quando recorda que também prestou serviços como empregada doméstica nas

¹⁶ Entrevista concedida por Dona Maria Aurea Fernandes, realizada no mês de abril de 2019.

¹⁷ Idem.

¹⁸ Ibidem, p. 04.

casas de alguns proprietários da usina, na capital. A partir de sua fala, fica evidente a relações precarizadas de trabalho e liberdade.

Após a abertura da empresa, a comunidade rural do ex-engenho Maracangalha, começaram a trabalhar na usina, logo compreende-se que o perfil racial dos trabalhadores rurais era em sua maioria negros e negras. No interior da fábrica trabalhavam alguns homens de cor, para adentrar nesse espaço eles tinham que ter qualificação profissional, ou seja, ter um ofício, como *cozinheiro*, soldador, evaporador motorista, carpinteiro, caldeireiro, pedreiro etc.

Além das plantações de cana que pertenciam a Usina Cinco Rios, a empresa comprava cana nas propriedades de fazendeiros da região por exemplo na fazenda Almas e, essa cana era transportada pelo porto fluvial de Almas¹⁹. Quem enchia os saveiros ou as canoas para serem deslocadas as canas para usina eram os trabalhadores negros desta fazenda e muitos moradores desse povoado trabalhavam na usina, na área do campo. Outra via importante para o escoamento do produto foi a construção da estrada de ferro, o que facilitava o transporte de açúcar. Mais uma vez, trabalho pesado dos homens negros fez com que esse caminho fosse criado. Na diretoria e no administrativo da empresa os cargos em sua maioria eram ocupados por homens brancos, com raras exceções.

No entorno da usina, havia uma feira livre, recordada como espaço de sociabilidades entre os trabalhadores, como descreve ainda Dona Aurea:

Como me lembro, tinha uma feira na cidade era melhor do que ir para Candeias. Vinha gente de tudo quanto era lugar vender e montar suas barracas. Matava boi, quem não tinha dinheiro para comprar carne na feira ia para represa que ficava perto da usina para pescar ou ia para Paramirim por dentro da fazenda que pertencia a Usina Cinco Rios pegar caranguejo ou mariscar. Até hoje o povo faz isso, só que hoje eles vão de moto. A feira encerrava seu funcionamento às 16:00 h, era sagrado todo domingo ter feira.²⁰

Nas dinâmicas de trabalho na usina dentre outras atividades, os trabalhadores e moradores da região recriam uma cartografia do lugar, no exercício paralelo de outras atividades de sustento e lazer, circulavam entre as fazendas propriedades da usina. Valdevino Paiva em suas memórias também destacou o que ele chamou de “*feira em Maracangalha*”, o largo da capela de Nossa Senhora da Guia com diversas barraquinhas, bandeirolas, as pessoas que circulavam e vinham de fazendas vizinhas, das cidades de São Sebastião do Passé, Candeias, São Francisco do Conde, Santo Amaro, Salvador. Uma figura conhecida da região, que segundo a memória popular também andou trabalhando nos campos da usina foi o Besouro:

¹⁹ **Almanak Laemmert:** administrativo, Mercantil e Industrial (RJ) 1927. Hemeroteca Digital Brasileira. Acesso em 22 de setembro de 2018.

²⁰ Entrevista concedida por Dona Maria Aurea Fernandes, realizada no mês de abril de 2019.

(...)homem temido em toda região por sua valentia e mandingas. Diziam que ele enganava a polícia com a maior facilidade, transformando-se em qualquer objeto. Calmo, cercado de meninos da vila, aproximava-se dos tabuleiros de doces das “baianas” e ordenava: “Come doce aí meninos!”. A molecada se fartava. Depois ele retornava, procurava saber o valor e pagava tudo(...) capoeirista de primeira linha, puxador de samba, rápido no facão, no punhal e no gatilho, era Besouro admirado e respeitado por todos. Para quem sabia levá-lo, era uma pessoa excelente, gostava de crianças e detestava polícia. Homem do mar, sabia melhor do que ninguém manejar o leme, tornando-se ídolo dos pescadores e canoeiros na região de Santo Amaro – sua terra natal. Defensor dos negros e fracos, era temido pela polícia e pelos poderosos, pelos desonestos e pelos covardes.²¹

Alguns jovens que não tinha outra opção de trabalho neste distrito tornavam-se jovens aprendizes e eram recrutados para trabalhar na usina, pois, muitas vezes um tio, pai, primo ou amigos estavam inseridos neste contexto e auxiliava o ingresso desse jovem, e outros meninos que não tinham esse laço de parentesco dentro da fábrica, iam trabalhar no campo, exercendo as funções de adubador de cana, limpador, carregador de vagão, cortador de lenha, plantador de cana entre outros serviços que tinham no campo para eles trabalharem²². Nos relatos do Senhor Adenilson Gomes de Jesus, 49 anos, ex-trabalhador da usina, ele conta que iniciou os trabalhos aos 12 anos de idade e quando completou 15 o chefe da usina o chamou para tirar a carteira de trabalho em São Sebastião do Passé e assim passou a trabalhar, ele e o irmão, não tão mais velho assim, de carteira assinada.

51

Aos 12 anos e 13 anos de idade né. Aí aos 13 anos e meio, aí eu assinei a carteira. Tirei a carteira de menor, né. Assinei a carteira e portanto, porque, nosso pai faleceu a gente estava tudo, né... meu irmão tinha 7 anos quando meu pai morreu, eu tinha, tinha, quanto? 7 para 8 anos né?²³

Muitas coincidências narrativas são apresentadas no percurso das entrevistas, sobretudo em relação as questões da vida no trabalho, relações familiares, deslocamentos e outro ponto em comum bastante presente é o momento de registro do trabalho assalariado, por meio da assinatura da carteira de trabalho, como reforça seu Adenilson:

(...) eles forçaram que a gente, tirou né a documentação, carteira de trabalho. Aí a gente assinou e ele, aí com isso começou a trabalhar cedo, mais foi bom, né. Foi bom porque eu já tenho de trabalho quase 30 anos, e sendo que de 1984 pra cá, 18 de setembro de 1984, ainda me lembro dessa data, certo? Daí pra cá pronto. Toda minha experiência de trabalho agradeço a usina e aquela dona.²⁴

²¹ PAIVA, op. cit., p. 79.

²² AMORIM, Liane Alves. **Memórias e Trajetórias de trabalhadores da cana de açúcar na Bahia (1909-1969)**. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

²³ Entrevista concedida pelo Senhor Adenilson Gomes de Jesus, no mês de abril de 2019.

²⁴ Ibidem, p. 05.

As dimensões que evocam a importância do documento trabalhista nas narrativas desses sujeitos, sugerem o que Hebe Mattos e Ângela de Castro Gomes já abordaram, volta-se para o que se considera como uma “*nova história do trabalho*”. Era o início de um novo tempo e o obscurecimento do passado, falando diretamente para essas gerações de trabalhadores do pós-abolição²⁵.

Considerações Finais

A busca de uma compreensão do passado, que se relaciona com o presente, tem conduzido a uma crescente revalorização das biografias e das vivências individuais para pensar questões históricas. Diante disso, as fontes orais abrem novas possibilidades de olhar o passado através da memória individual, enfatizando a representatividade de cada caso particular que ilumina seu contexto específico²⁶. Nesse primeiro percurso da pesquisa, ainda buscamos entender por meio da Usina Cinco Rios, os movimentos, destinos e as sociabilidades feitas e refeitas por meio dos processos de inserção social de famílias e grupos negros nas regiões escravistas do Recôncavo Baiano, especificamente no município de São Francisco do Conde.

Nesse trabalho, o conceito de experiência pautado pelo historiador E. P. Thompson²⁷ auxilia-nos a entender as rotinas trabalhistas e atitude dos trabalhadores da usina. Essa classe trabalhadora, mostra e sinaliza em sua maneira de se relacionar com o espaço, e evidencia que as relações iam muito além da economia, construído outros significados pautados neste âmbito. Englobando nesta conjuntura um processo de movimento, examinando as experiências para transformá-las no conhecimento histórico desta classe. Esses sujeitos que contam uma história de um local, estão determinados pelas relações de produção decorrentes do processo fabril, portanto essas pessoas são involuntariamente inseridas, para suprir uma mão de obra, e através deste trabalho realizado, seja na fábrica ou no campo.

Para Thompson, tanto os homens quanto as mulheres querem testar suas convivências e experiências de produção determinadas como necessidades em comuns. Os funcionários criam e realizam suas emoções, e conseqüentemente suas maneiras de

²⁵ GOMES, Ângela de Castro; MATTOS, Hebe. Sobre apropriações e circularidades: memória do cativo e política cultural na Era Vargas. História, Memória e Escravidão. **LABOHI**, Niterói. Disponível em: file:///C:/Users/idaen/Desktop/orientações/Tatiana/sobre_apropriacoes_e_circularidades.pdf. Acesso em: 22 jun. 2018.

²⁶ BAPTISTA, Karina Cunha. **Diálogos dos Tempos**. Memória da escravidão, história e identidade racial entre os afro-brasileiros. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2002.

²⁷ THOMPSON, Edward Palmer. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. (org.) e trad. Antonio Luigi Nero e Sergio Silva. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

discorrer, pensar, refletir e de agir dentro do seu universo cultural e de pertencimento. Nesta situação ou sentido a apreciação que constroem do seu trabalho, tanto na fábrica como no campo, homens e mulheres atribuem a essa atividade um valor inestimável, pois, muitos/as são os provedores da casa e se orgulham por terem uma função que repasse a sociedade que eles são pessoas honestas e justas, ou seja, bons cidadãos que vivem e respeitam as leis.

Para Chalhoub²⁸, os significados da liberdade foram criados pelos cativos nas experiências dos cativeiros. A primeira década que antecedeu à abolição é suscitada, e é essencialmente compreendida como um processo onde os ex-escravizados estavam em um segmento de inserção social no Recôncavo Baiano, os libertos e seus familiares criaram condições para sobreviver nesta sociedade excludente. Através da historiografia que identifica os escravizados como agentes sociais nota-se uma reestruturação dos laços familiares e o seu cotidiano no mundo rural e nas cidades que eles estavam inseridos. Segundo Novaes²⁹, para essas pessoas, a lida com as atividades canavieiras, ainda era a única possibilidade de escapar da fome e se fixarem em uma atividade remunerada de maior prazo.

A luta pela liberdade estava configurando neste contexto os capítulos iniciais do desenvolvimento de uma ação operária no Brasil³⁰. Algumas características foram essenciais para observar esse movimento a uma classe trabalhadora, como organização dos escravos em grupos para compra de alforrias, negociação das condições de trabalho, lutas amparadas juridicamente para terem direitos, greves pela situação de trabalho que eram impostos, dentre outros aspectos. Logo, entende-se que haviam organizações políticas entre eles.

Esse protagonismo e organização operária sobre essa classe foram esquecidas por muitos anos, tendo uma ausência na literatura que identificasse esses trabalhadores negros, pautavam os estudos sobre os operários estrangeiros que vieram principalmente para regiões do Sul e Sudeste do Brasil trabalharem na sua maioria nas plantações de café. Os negros foram sujeitos fundamentais para caracterização das relevantes lutas operárias durante o início do século XX. Esses movimentos eram identificados e evidenciados a partir da inserção do imigrante em contexto brasileiro de produção de variados produtos e do

²⁸ CHALHOUB, Sidney. **Visões da Liberdade**: uma história das últimas décadas da escravidão na corte. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 28-29.

²⁹NOVAES, José Roberto; ALVES, Francisco. (org.). **Migrantes**: trabalho e trabalhadores no complexo agroindustrial canavieiro (os heróis do agronegócio brasileiro). São Carlos: EDUFSCAR, 2007.

³⁰ CASTELLUCI, Aldrin Armstrong Silva; SOUZA, Robério Santos. **Os trabalhadores negros na História Social do trabalho no Brasil**: o longo século XIX. In: XAVIER, Giovana (org.). Histórias da Escravidão e do Pós-abolição para as escolas. Cruz das Almas: EDURFB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016. p. 197-214.

homem nacional sem cor fixa, afastando o indivíduo negro desta realidade fabril, desqualificando os serviços e ofícios dos homens livres no início dos anos 1920.

Modelo da ausência do trabalho realizados pelos africanos e seus descendentes se caracterizou umas das exclusões vigentes em nossa sociedade, a desvalorização pelo método operário exercidos pelos negros não tão enumerados como deveriam ser. Eles realizaram trabalhos importantes para o crescimento e fortalecimento da sociedade brasileira, empregados em serviços domésticos, no comércio como vendedores, exerceram a função de pescadores, plantadores de cana no Nordeste, nas plantações de café das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, plantação de fumo, principalmente na cidade de Cachoeira-BA, nos transportes e venda de charque no Rio Grande Sul, extrativismo em Minas Gerais, construções de vilas e cidades, estradas de ferro e carregadores nos portos das cidades.

Inseridos em uma sociedade escravista, os trabalhadores negros tinham que negociar diariamente com seus donos, se rebelar e criar mecanismos de permanência e sobrevivência nos espaços de circulação. Logo, existiram grupos sociais que fizeram motins contra as condições precárias que viviam, por exemplo, os operários da construção das estradas de ferro. Neste espaço foram diferentes grupos sociais e condições jurídicas, como livres, libertos e escravizados, todos trabalhando em conjunto. Organizaram-se politicamente para iniciar uma greve, reivindicando melhores condições de vida, pagamento pelos trabalhos exercidos³¹. Outro grupo importante de grevistas foram os carregadores nas ruas de Salvador, esses homens pararam suas atividades por alguns dias, causando o caos na cidade. A Câmara Municipal de Salvador ordenou que o trabalho de rua fosse regulamentado, com o objetivo de controlar e regenerar os negros nos espaços públicos da cidade, obrigando-os a tirarem uma licença para trabalharem. Constata-se que a resistência aconteceu em distintas regiões brasileiras, porém, cada um com suas particularidades e seus grupos sociais, negociações diferentes, mas, com o mesmo objetivo, que eram, melhores condições de vida e integração na sociedade e o fim do trabalho forçado³².

Nesse sentido, pensar as trajetórias desses trabalhadores e refletir sobre as identidades permeadas pelo mundo do trabalho como reelaborações para compreender as suas próprias associações enquanto grupo é fundamental, reconstruir as genealogias negras nesse universo ainda é um desafio para os historiadores, porém hoje já contamos com

³¹ Idem.

³² Idem.

diversos caminhos trilhados por meio da metodologia e da historiografia da escravidão e do trabalho no Brasil.